

# A REESCRITURAÇÃO DO NOME CARLOTA JOAQUINA EM *CARLOTA JOAQUINA – CARTAS INÉDITAS*

## THE REWRITING OF NAME CARLOTA JOAQUINA IN CARLOTA JOAQUINA - UNPUBLISHED LETTERS

Mara Lúcia Martins Rodrigues\*

**RESUMO:** Propomos, neste artigo, analisar como o nome "Carlota Joaquina" é reescriturado nas cenas enunciativas das cartas em que a figura enunciativa da princesa se constitui como Locutor e/ou Alocutário, em *Cartas particulares*, endereçadas e/ou recebidas de familiares, e *Cartas políticas*, endereçadas e/ou recebidas de pessoas influentes politicamente à época, extraídas da obra *Carlota Joaquina – Cartas Inéditas*, de Francisca L. Nogueira de Azevedo (2008), no período de 1798 a 1812. Filiamo-nos à teoria da Semântica do Acontecimento, de Eduardo Guimarães (2002, 2005), por considerar que os sentidos das palavras se alteram, se modificam, tornam a significar os sentidos atribuídos anteriormente ao serem reescriturados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica do Acontecimento. Reescrituração. Carlota Joaquina.

**ABSTRACT:** We propose in this paper to analyze how the name "Carlota Joaquina" is rewritten the scenes enunciation of letters in which the enunciative figure princess is constituted as Speaker and / or Alocutário, in private letters, addressed and / or received from family, Letters and policies, addressed and / or received from politically influential people at the time, the work extracted Carlota Joaquina - unpublished Letters of Francisca L. Nogueira de Azevedo (2008), in the period from 1798 to 1812. We come in the theory of Semantics of Event, Eduardo Guimarães (2002, 2005), considering that the meanings of words change, change, make the mean previously assigned to be rewritten.

**KEYWORDS:** Semantics of Event. rewriting. Carlota Joaquina.

### Introdução

---

\* Graduada em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2001) , Especialização lato sensu em Linguística e Produção de Texto pela Faculdade de Pimenta Bueno - RO (2004) e Mestrado stricto sensu em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2012).

Neste artigo, propomos analisar como os procedimentos de reescrituração fazem ressignificar textualmente o nome *Carlota Joaquina*, nos recortes das cartas escritas e recebidas pela princesa, extraídos da obra *Carlota Joaquina – Cartas Inéditas*, de Francisca L. Nogueira de Azevedo (2008), ou seja, como esse nome aparece reescriturado na enunciação das cartas escritas pela própria Carlota (Locutor) ou remetidas a ela (Alocutário).

Carlota Joaquina é o nome de uma instigante personalidade da história política de Portugal e do Brasil, que sobrevive no imaginário de pesquisadores, sobretudo daqueles que se dedicam especificamente a sua biografia. Carlota Joaquina Tereza Caetana Bourbon e Bourbon, filha primogênita do príncipe de Astúrias, Carlos IV, e da princesa parmense Maria Luísa, nasceu no Palácio de Aranjuez, no dia 25 de julho de 1775. Pouco antes de completar 10 anos, foi levada para Portugal e, dez anos depois, ao unir-se a D. João, pelo matrimônio, passa a ser nomeada *Carlota Joaquina Tereza Caetana Bourbon e Bragança*.

No papel de esposa de D. João e de futura rainha de Portugal, Carlota nunca deixou de se interessar pelas questões políticas de seu país, a Espanha. Por meio de cartas escritas e recebidas pela princesa, é possível delinear fatos, costumes e o funcionamento político das cortes portuguesa e espanhola, os quais eram pautados num jogo de interesses e intrigas. Nessas cartas, Carlota Joaquina apresenta-se como uma mulher com habilidades políticas, que busca intervir nas decisões políticas de Portugal e da Espanha, principalmente quando o seu país de origem é tomado por Napoleão Bonaparte.

Considerando que as cartas particulares e políticas formuladas e/ou recebidas por Carlota são textos constituídos de “enunciados que trazem certas marcações que indicam que eles se relacionam enquanto enunciados de um certo texto” e não de outro (GUIMARÃES, 2011, p. 22), apresentamos o conceito de texto sob três linhas teóricas, objetivando compreender melhor o conceito de texto do lugar teórico do qual falamos.

## **O texto**

Os modos como uma palavra (o nome próprio de pessoa) se reporta a outras palavras (outros modos de dizer esse nome próprio de pessoa) significam pelo modo como essa palavra se constitui no(s) texto(s) em que aparece. O texto sempre esteve presente na história da humanidade. Com a evolução da imprensa muitos avanços aconteceram em favor da divulgação dos textos/autores. Há pouco mais de meio século o texto tem sido objeto de investigação de muitos estudiosos da linguagem, e questões como – O que é texto? Como o texto funciona? Quais os modos de organização do texto? Como o texto significa? – passaram a permear os estudos de muitos teóricos.

Para responder a essas questões, apresentamos inicialmente a concepção de texto na perspectiva teórica da Linguística Textual, Análise de Discurso e Semântica do Acontecimento.

Para a Linguística Textual, uma ciência relativamente nova, o texto é postulado segundo a concepção interacional por apresentar características específicas e sempre ter um propósito, uma função. Assim, se alguém escreve, escreve para alguém, com determinada intenção. Para isso é preciso lançar mão de elementos linguísticos para a organização do texto, cabendo ao leitor mobilizar todo seu conhecimento para compreendê-lo.

Halliday & Hasan (1976), em *Cohesion in spoken and written English*, vão dizer que o texto é uma unidade semântica, não pela forma, mas pelo sentido. Ou seja, o texto é compreendido como “uma realização verbal entendida como uma organização de sentido, que tem o valor de uma mensagem completa e válida num contexto dado” (HALLIDAY & HASAN *apud* FÁVERO & KOCH, p.38, 2002). Nesta direção, o texto não consiste apenas na soma de períodos ou orações. O que faz com que uma unidade de sentido seja um texto é a textualidade. Isto é, depende das características fornecidas pelas relações de coesão presentes num texto que podem ser identificadas como responsáveis pela produção da unidade de sentidos do texto.

Na perspectiva da Análise de Discurso, Orlandi (2007, p. 52) define texto como uma “peça de linguagem, uma peça que representa uma unidade significativa.” Por esta teoria, mesmo sendo uma unidade de sentido, o texto

não é uma unidade fechada com todos os sentidos prontos e acabados. Um texto sempre “tem relação com outros textos (existentes, possíveis e imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)” (*Idem*, p. 54).

O que importa compreender é como o texto funciona e produz sentidos enquanto objeto linguístico-histórico. Nesta direção, Orlandi (2008, p. 78) afirma que o texto deve ser compreendido “como forma material, como textualidade, manifestação material concreta do discurso, sendo este tomado como lugar de observação dos efeitos da inscrição da língua sujeita ao equívoco na história”. Ou seja, o texto é um objeto histórico porque é um discurso, não um documento, e, por isso, o texto pensado como discurso é compreendido pela incompletude.

Já na Semântica do Acontecimento, teoria à qual nos filiamos para a realização deste trabalho, o texto é definido como “uma unidade de sentidos integrada por enunciados” (GUIMARÃES, 2011, p. 43). A sustentação dos sentidos se dá pelos enunciados que integram o texto, o que significa dizer que o texto não é meramente um conjunto de sequências enunciativas, muito menos, uma unidade composta de enunciados com início meio e fim. Entre o texto e o enunciado estabelece-se uma relação de integração que se dá por elementos não segmentais como a reescrituração e a articulação.

Ateremos, especificamente, à reescrituração, um procedimento de deriva de sentidos constituído pelos vários modos de redizer o já-dito, ou seja, conforme Guimarães (2011) a reescrituração é um procedimento que consiste em dizer e redizer o que já foi dito, fazendo interpretar uma forma como diferente de si.

A reescrituração se dá por *repetição* (consiste na repetição completa ou parcial do enunciado), *substituição* (consiste na retomada de uma palavra por outra similar), *elipse* (consiste na omissão de algo já dito), *expansão* (consiste em ampliar, expandir o já dito), *condensação* (consiste em condensar, resumir, sintetizar um enunciado) e *definição* (consiste em definir, explicar) de um nome

num texto ou conjunto de textos. Os vários modos de reescrituração, apresentados acima, produzem sentidos outros por uma relação de sinonímia, de especificação, de desenvolvimento, de generalização, de totalização e de enumeração.

Para a análise da reescrituração do nome *Carlota Joaquina*, nos valeremos dos seguintes modos de constituição do nome próprio em análise:

- a) Nome próprio;
- b) Pronome de tratamento + Nome próprio;
- c) Título + Nome próprio;
- d) Expressão vocativa; e
- e) Pronome de tratamento + Nome próprio + Título.

## **Análise**

O livro *Carlota Joaquina – Cartas Inéditas*, de Francisca L. Nogueira de Azevedo (2008) contém 145 cartas, escritas ou recebidas por Carlota, entre os anos de 1798 a 1812. Desse total, 45 cartas são classificadas como *cartas particulares*<sup>1</sup>, 50 como *cartas de gabinete*<sup>2</sup> e 50 como *cartas políticas*<sup>3</sup>. Dentre elas, selecionamos sete cartas para a constituição do *corpus*.

As cartas se constituem em cenas enunciativas por caracterizar o acesso à palavra de 'quem fala' e para 'quem se fala'. Trata-se de um espaço político por dividir e redividir o dizer que se concretiza na/pela língua que determina o acontecimento e/ou pelas escolhas dos modos de enunciar algo. As cenas enunciativas constituem-se pela distribuição dos lugares sociais de enunciação (locutor-x) e dos lugares de dizer (enunciador) que se caracterizam como *universal, individual, coletivo e genérico*. Esse lugar de dizer, de certo modo, é o encobrimento do lugar social que sustenta o Locutor enquanto lugar que se representa no próprio dizer. No acontecimento do dizer há sempre um Locutor

---

<sup>1</sup> Escritas e recebidas para e/ou de familiares (pais, irmãos, esposo).

<sup>2</sup> Correspondências recebidas de José Presas.

<sup>3</sup> Escritas e recebidas para e/ou de autoridades políticas da época.

que é agenciado a dizer tomado do lugar social que ocupa, esse lugar social legítima o que é enunciado pelo Locutor.

De outro lado, numa cena enunciativa, há também aquele para quem se diz (Alocutário). Assim como o Locutor, o Alocutário também é agenciado em lugar social, no acontecimento do dizer.

Passaremos a analisar os modos de redizer o nome *Carlota Joaquina* a partir de como aparece na assinatura na carta<sup>4</sup> que segue:

*Senhor,  
Papai do meu coração, da minha vida e da minha alma,  
[...]  
Agora vou pedir a V.M. uma coisa, já que me faz a honra de  
[...] meus, para negócios tão delicados, de enviar-nos para  
dizer o mesmo que enviava para dizer ao príncipe, porque,  
como há muitas coisas que eu não sei nem posso saber, [...] e  
também lhe peço que me dê sua bênção.  
Queluz, 20 de julho de 1798.  
'Aos Reais Pés de V. M. – **Carlota Joaquina**'*

Nessa cena enunciativa, Carlota assume a figura de Locutor responsável pela emissão da carta e ocupa o lugar social de filha. Ao enunciar *Papai do meu coração, da minha vida e da minha alma*, Carlota se constitui em locutor-filha e coloca-se numa posição de respeito e de reverência. Ao mesmo tempo em que o locutor-filha demonstra gestos de carinho ao enunciar *Papai do meu coração*, mantém-se uma relação formal entre o rei e a filha, como podemos observar em *Aos Reais pés de V. M.*, em que Carlota simbolicamente curva-se diante do rei, seu pai, dirigindo-se a ele como soberano.

### **Cartas formuladas por Carlota**

A carta<sup>5</sup> de nº 16 (*cartas particulares*) Carlota Joaquina escreveu ao marido D. João, em 1804.

#### **R: 01**

---

<sup>4</sup> Cf. Azevedo, 2008, p. 74 – 75.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 83.

*Meus amores de minha alma,  
[...]  
Pedro passou bem; Maria Francisca não teve crescimento  
ontem; porém os médicos mandaram que se purgasse hoje,  
porque não se tinha soltado do ventre como a outra; [...]  
Adeus meu amor, até sexta-feira; quero dizer, amanhã, se  
Deus quiser, que já se não pode passar tanto tempo sem te  
ver, porque tenho muitas saudades tuas. Vê se queres alguma  
cousa que eu faça, pois estou pronta para o executar, pois me  
prezo de ser tua  
5ª fª, 12 de julho de 1804, às 9 h e meia.  
'Esposa amante e fiel, J. CARLOTA'*

Essa cena enunciativa é constituída de um locutor-esposa de D. João, representado por Carlota Joaquina, e de um alocutário-esposo, representado pelo Príncipe Regente. A reescrituração do nome *Carlota Joaquina* se dá por inversão dos nomes próprios *J. CARLOTA'*, e pelo emprego da abreviação do primeiro nome pela letra inicial "J", um modo, diríamos, muito particular de se identificar nas missivas encaminhadas ao esposo.

O vocativo *Meus amores de minha alma* instala na cena enunciativa um alocutário – o esposo D. João, que se identifica na carta pela remetente *Esposa amante e fiel, J. CARLOTA*. Ao instalar cena, instituindo o Alocutário, o vocativo estabelece elementos da configuração da cena enunciativa, ao fazer isso o enunciado vocativo "está de modo bastante decisivo estabelecendo politicamente os sentidos" (GUIMARÃES, 2011, p. 52). A enunciação vocativa *Meus amores de minha alma* significa pela pluralidade que Carlota atribui a seus sentimentos em relação ao esposo.

A expressão *Esposa amante e fiel* funciona como um aposto, uma expressão que, conforme Guimarães (2012), funciona por caracterizar uma relação de reescrituração que atribui sentidos de um termo sobre o outro. O aposto, pelo seu funcionamento, parece reduzir o nome próprio a sua referência, mas é possível encontrar "uma atribuição de sentidos sobre o nome próprio, indicando que a história de enunciações de um nome próprio constitui seu sentido" (*Ibidem*, p. 8).

A expressão apositiva *Esposa amante e fiel* significa, na carta, amor e fidelidade ao esposo, e busca apagar o memorável de intrigas e traições políticas de Carlota Joaquina e do grupo que liderava contra D. João. Outras expressões como *Adeus meu amor, já se não pode passar tanto tempo sem te ver, porque tenho muitas saudades tuas e me prezo de ser tua* reforçam o carinho que nutre pelo esposo, negando ou apagando quaisquer dúvidas em relação aos seus sentimentos pelo Príncipe Regente.

A carta<sup>6</sup> de nº 07 (*cartas políticas*) foi escrita por Carlota Joaquina ao Vice-Rei Santiago de Liniers no ano de 1808.

**R: 02**

*Tendo em vista a proclamação que diriges ao povo e habitantes de Montevideú; não consigo persuadir-me de que ela seja produção tua, mas sim unicamente fruto de alguém que malmente te aconselha nas críticas circunstâncias de hoje, era necessário tomar outro temperamento, mais suave. [...]*

*Deste é de quem se deve esperar o meio para cortar vossas desavenças, e nesse ínterim suspender qualquer outra providência, uma vez que o povo e o Governador de Montevideú não reconhecem outro Soberano além de Fernando VIII nem outra dinastia além da de minha Real Família de Espanha. A estrita e rigorosa observância das leis muitas vezes costuma ser mais prejudicial que útil, e para tais casos é que S.M.C. necessita do conselho e prudência dos ministros que tem em suas Reais Audiências. Recorre a eles, e, por meio de um acordo pleno, que assegurem tua conduta com seu ditame. Deus te guarde como o deseja  
26 de dezembro de 1808.*

*'Tua Infanta Carlota Joaquina de Bourbon'*

Na enunciação da carta 7, o nome *Carlota Joaquina* é reescriturado por expansão de dois modos: acrescentam-se o título *Tua Infanta* e o sobrenome *Bourbon*. O sobrenome *Bourbon* rememora o lugar social de Carlota na corte da Espanha, e da mesma forma a titulação de *Infanta*, nome que designa os filhos de reis que não são herdeiros da coroa. Carlota, primeira filha do Rei

---

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 176 -177.

Carlos IV e de Maria Luiza, tem sangue real, mas na condição de mulher fica impossibilitada de ser herdeira da coroa.

Na cena enunciativa, temos um locutor-*Infanta*, e por ocupar esse lugar social enuncia com o sobrenome *Bourbon*, apagando o sobrenome *Bragança*. O uso do título de *Infanta* e o sobrenome *Bourbon* rememoram a Corte espanhola e a autorizam a intervir nas questões políticas relacionadas ao Rio da Prata e da Espanha, como podemos observar no enunciado *uma vez que o povo e o Governador de Montevideú não reconhecem outro Soberano além de Fernando VIII nem outra dinastia além da de minha Real Família de Espanha*.

Carlota Joaquina, ao se colocar na posição de conselheira política, assimila o lugar de dizer de enunciador-universal, ao dirigir-se ao alocutório-vice-rei de *Santiago de Liniers*, dizendo: *para tais casos é que S.M.C. necessita do conselho e prudência dos ministros que tem em suas Reais Audiências*. Pelo lugar que ocupa, o seu dizer é submetido ao regime do verdadeiro e do falso.

A carta<sup>7</sup> de nº 31 (*cartas políticas*) foi escrita por Carlota Joaquina ao Governador de Montevideú em 1810.

**R: 03**

*Depois de ter apurado a tempo todos os meios e recursos que podiam arbitrar-se para remeter-vos o numerário que pedistes ao Marquês de Casa Irujo para a defesa e conservação dessa Praça sob a dominação de meu querido Irmão Fernando, [...] Conheço minhas obrigações, e sei também que, tendo a honra de ser a primeira espanhola, devo ser a primeira a desprender-me do que há de mais precioso para auxiliar na salvação desse povo, digno por sua conduta de meu afeto e do meu respeito de todo bom espanhol.*

*[...] as joias que indico na parte anexa, as quais vos remeto para que as empenheis ou vendais, e com seu importe sejam socorridos em vossas necessidades; par o que as faculto sem encargo ne responsabilidade alguma, podendo dispor delas como de coisa própria em benefício das tropas e Marinha do Rei meu Irmão. [...]*

*Dada em Real Palácio do Rio de Janeiro em 16 de julho de 1810.*

*'Princesa Carlota Joaquina de Bourbon'*

---

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 220 -222.

Nessa cena enunciativa, o nome *Carlota Joaquina* (R: 01) é reescriturado por expansão pelo acréscimo do sobrenome espanhol - *Carlota Joaquina de Bourbon* -, e por substituição do pronome de tratamento *Tua Infanta* (R: 02) pelo título *Princesa*.

Nessa assinatura há um equívoco da língua, ao assinar como *Princesa Carlota Joaquina de Bourbon*, ela aparece socialmente dividida por um presente como *Princesa*, cargo que assumiu com a morte da monarca Dona Maria I, e como *Bourbon*, o passado que evoca a sua condição de Infanta, na Corte espanhola. Segundo Orlandi (2008) o equívoco se dá porque a língua é sujeita a erros, a falha.

Nessa cena enunciativa, o locutor-princesa institui um alocutário-*governador* que representa os interesses da família de *Bourbon* em Montevideu, e para manter o movimento político em favor da Coroa espanhola, Carlota não mede consequências ao desfazer de suas joias para socorrer as tropas e a Marinha do Rei, seu Irmão.

Nas análises dos recortes acima, o Locutor (*Carlota Joaquina*) divide-se em locutor-filha, locutor-esposa, locutor-Infanta e locutor-princesa. As posições sociais ocupadas por *Carlota Joaquina* se alteram, se modificam e se apagam pelos lugares de dizeres que vão se instalando no acontecimento do dizer produzindo sentidos. Essa divisão do Locutor é própria dessa condição de se representar como idêntico a si, ou seja, desse imaginário de que o Locutor é uno.

### **Cartas remetidas a Carlota**

Na carta<sup>8</sup> de nº4 (*cartas particulares*), o Rei Carlos IV escreve a *Carlota Joaquina*, sua filha, no ano de 1801.

#### **R: 04**

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 76.

*Minha querida filha, recebi tua carta de 22 corrente, em que manifestas o grande sentimento que te causa ver as dissensões que alteram a boa harmonia que subsistia entre ambas as Cortes, e os vivos desejos que tens de que se encontre um meio de concluí-las. Não é menor o que eu tive ao ver-me obrigado, pelo bem de meus vassallos, por minha dignidade, e por cumprir com minhas convicções, a declarar guerra a esse reino. Nada me restou por fazer para evitá-lo com minha mediação admoestações ainda que em vão, porque esse Governo dominado pela Inglaterra nunca quis dar ouvidos a minhas razões; [...]*

*Aranjuez, 26 de março de 1801.*

*Teu Pai muito afetuoso,  
Carlos*

Na enunciação dessa carta, o vocativo *Minha querida filha* instala a cena enunciativa que, segundo Guimarães (2010, p. 52), pode “constituir lugares sociais de sujeitos diversos”. O vocativo, por essa perspectiva teórica, é mais que um chamamento ou uma forma de estabelecer comunicação com o interlocutor, é o modo como ele constitui, no texto, o seu Alocutário.

O Locutor, nessa cena, se representa no seu dizer, e assume o lugar social de locutor-*pai* de Carlota Joaquina, a quem se dirige pelo vocativo *Minha querida filha*. A expressão vocativa instala a cena enunciativa afetada por laços familiares que se tornam tênues pelos interesses políticos entre as duas Coroas que instalam o conflito no centro do dizer.

A reescrituração do nome Carlota Joaquina se dá por substituição da expressão vocativa *Minha querida filha* e pelo procedimento de elipse pelos verbos em ***manifestas*** o grande sentimento que te causa ver [...], e os vivos desejos que ***tens*** de que se encontre um meio de concluí-las.

No enunciado *ao ver-me obrigado, pelo bem de meus vassallos, por minha dignidade, e por cumprir com minhas convicções, a declarar guerra a esse reino*, o Locutor desloca-se de seu lugar social de pai e assume o lugar de locutor-rei da Espanha que declara guerra ao reino de Portugal. Ou seja, o Locutor, enquanto rei, inicialmente não assume o lugar social de rei na cena enunciativa, mas ao *declarar guerra a esse reino* assume a condição de monarca, em que a instalação do conflito entre as duas Cortes é politicamente superior às relações familiares.

A carta<sup>9</sup> de nº 28 (*cartas particulares*) foi escrita por D. João a Carlota Joaquina em 1808.

**R: 05**

*Ninguém melhor que V. A. R. pode estar certa dos sentimentos que me nutro para com os muitos **fieis e leais espanhóis**, que hoje devem ser considerados como nossos **aliados**. Sempre foram eles os que em meu conceito ocuparam, depois de meus amados vassalos, e meus antigos aliados, **os ingleses**, um lugar muito preferencial. [...] dou e presto, meu Real Consentimento para que, quando V. A. R. seja chamada de uma maneira formal, e autêntica, possa empreender sua viagem para o território dos domínios de S.M.C.  
Novembro, 12, de 1808.*

O locutor-*príncipe* regente instala o alocutário-princesa pelo emprego formal do pronome de tratamento *V. A. R.*, significando que não se trata de uma carta particular, mas de uma missiva eminentemente política que se caracteriza pelo impedimento da viagem da Princesa em território espanhol. A reescrituração do nome *Carlota Joaquina* nessa cena se dá por substituição do nome próprio pelo pronome de tratamento abreviado *V. A. R.*

O modo de se dirigir a Carlota faz significar o lugar de esposa do Príncipe Regente D. João, que defende os interesses políticos de sua família, os *Bourbons*. Nesta luta, Carlota ganha o apoio de partidários, tanto na Espanha quanto na América, e chega a se cogitar a possibilidade de ela assumir o poder no Rio da Prata, pelo impedimento tanto de seu pai, o Rei Carlos IV, quanto seu irmão Fernando, sucessor legítimo na Espanha, de assumirem o poder na América espanhola.

O enunciado *dos sentimentos que me nutro para com os muitos fieis e leais espanhóis, que hoje devem ser considerados como nossos aliados. [...] e meus antigos aliados, os ingleses*, recorta um passado de outras enunciações que convivem com o presente da enunciação, e significa o respeito e a lealdade

---

<sup>9</sup> Cf. Azevedo, 2008, p. 90.

que devem existir entre as Coroas Ibéricas pela união de D. João e Carlota Joaquina.

A carta<sup>10</sup> de nº 12 (*cartas políticas*) foi escrita pelo Marquês de Someruelos a Carlota Joaquina em 1809.

**R: 06**

**A.R. Senhora Dona Carlota Joaquina, Infanta de Espanha, Princesa de Portugal e do Brasil:** *No dia de ontem remeti pelo Vice-rei do Peru a muito respeitável carta de V.A.R. de 1º de setembro do ano passado, com inclusão dos atos públicos que V.A.R. me faz acompanhar. [...]*  
*Havana, 6 de maio de 1809.*

*O Marquês de Someruelos*

O nome *Carlota Joaquina* é reescriturado por expansão pelos pronomes de tratamento + nome próprio + títulos. Os títulos *Infanta da Espanha, Princesa de Portugal e do Brasil* funcionam como apostos do nome *Carlota Joaquina* por uma relação explicativa do nome. Desse modo, as expressões apositivas produzem sentidos de um termo sobre o outro pela disparidade dos muitos lugares sociais ocupados por Carlota representados na enunciação. Vejamos:

Carlota Joaquina † Infanta de Espanha † Princesa de Portugal e do Brasil.

### **Considerações Finais**

Pelos recortes analisados, podemos dizer que o nome *Carlota Joaquina*, na posição de locutor-x, aparece enunciado pelo nome próprio, grafado de forma inversa, *J. Carlota* no R: 01; já no R: 02 é reescriturado por expansão do pronome de tratamento + nome próprio *Tua Infanta Carlota Joaquina de*

---

<sup>10</sup> Cf. Azevedo, 2008, p. 182 – 183.

*Bourbon*; e no R: 03 por Título + nome próprio *Princesa Carlota Joaquina de Bourbon*.

Enquanto Alocutário, o nome Carlota Joaquina é reescriturado por expressões vocativas *Minha querida filha* (R: 04); por pronome de tratamento *V.A.R* (R: 05); e por Pronome de tratamento + Nome próprio + Título - *A. R., Senhora, Dona* (R: 06), *Infanta da Espanha, Princesa de Portugal e do Brasil* (R: 06). Esses modos de redizer o nome Carlota Joaquina constituem os lugares sociais de Carlota nos acontecimentos de dizer das cartas, ou seja, as posições vão mudando conforme o lugar que ocupa nesses acontecimentos.

Guimarães (2013, p. 174) diz que “um nome próprio na história só interessa quando está predicado por um processo”. Analisar os modos como o nome próprio *Carlota Joaquina* se reescritura nas cenas enunciativas das cartas possibilitou-nos compreender o movimento das várias formas de dizer e redizer o mesmo, produzindo sentidos pelos díspares lugares sociais que Carlota Joaquina ocupa nos textos da história luso-brasileira.

Nessa direção, reescrever não significa meramente repetir o que já foi dito. Reescrever é um novo modo de dizer o mesmo, de modo que os sentidos se alteram, se modificam, tornam a significar os sentidos atribuídos anteriormente. O texto das cartas, escritas e recebidas por Carlota Joaquina, constitui numa unidade de sentido, que “significa pela relação entre vários elementos que se reportam uns aos outros, no acontecimento de linguagem em que eles se inscrevem e se movimentam” (ZATTAR, p. 37, 2012).

## Referências

AZEVEDO, Francisca L. Nogueira. **Carlota Joaquina na corte do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Carlota Joaquina – Cartas Inéditas**. 2. ed. Rio de Janeiro: casa da Palavra, 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes & KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística Textual: uma introdução**. 6. ed. São Paulo, Cortez, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. Textualidade e enunciação. In: **Escritos**, 2. Campinas, Labeurb, Unicamp, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Semântica do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, Eduardo e MOLLICA, M.C. (Org.). **A palavra**: forma e sentido. Campinas, SP: Pontes, 2007, p.77- 96.

\_\_\_\_\_. O que é texto. In: **Análise de texto** – Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011, p. 19 - 29.

\_\_\_\_\_. A Proclamação da República. In: **Análise de texto** – Procedimentos, Análises, Ensino. Campinas, SP: Editora RG, 2011, p. 49 - 60.

\_\_\_\_\_. Aposto e Nome Próprio. In: **Entremeios**: Revista de estudos do discurso. nº 5, p. 1-8, jul/2012. Pouso Alegre, MG.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Cidade, linguagem, tecnologia**: 20 anos de história. Campinas, SP: LABEURB, 2013.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Danilo Ricardo de. Argumentação, Linguagem, História: Sentidos à Carta Testamento de Vargas. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Versão eletrônica. HIL. ed. nº 31, Jun/Dez 2013.

ORLANDI, Eni P. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

\_\_\_\_\_. **Texto e Discurso**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

ZATTAR, N. B. S. O agenciamento enunciativo nas cartas de alforria. **Entrepalavras**, v. 2, p. 21-38, 2012.

